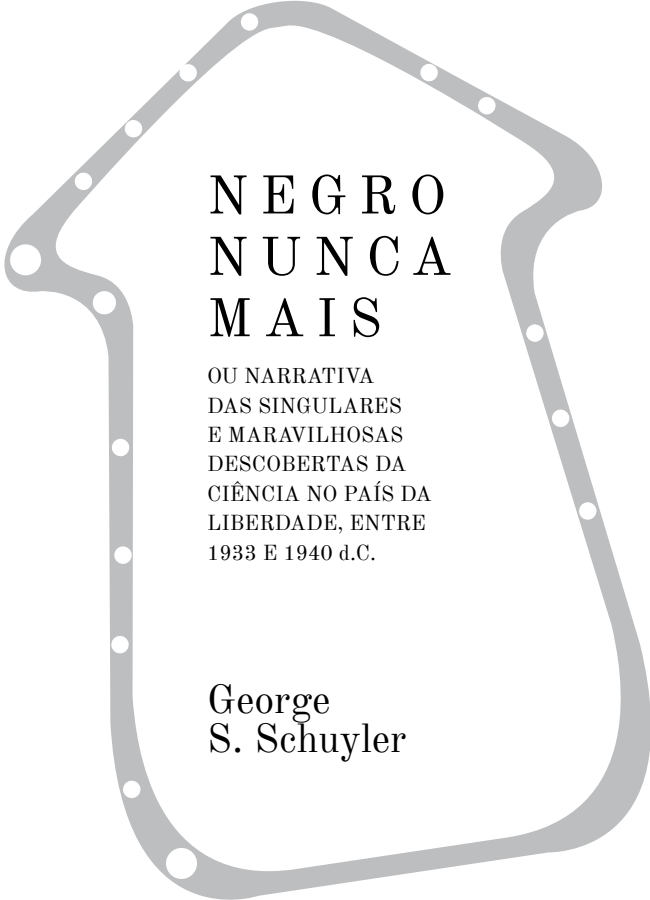


NEGRO NUNCA MAIS

A VIDA PRIVADA DOS LIVROS
COLEÇÃO COORDENADA POR
ALBERTO MANGUEL



NEGRO
NUNCA
MAIS

OU NARRATIVA
DAS SINGULARES
E MARAVILHOSAS
DESCOBERTAS DA
CIÊNCIA NO PAÍS DA
LIBERDADE, ENTRE
1933 E 1940 d.C.

George
S. Schuyler

Prefácio de Mia Couto

Tradução e notas de Rita Almeida Simões

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXIII

Obra Apoiada no âmbito do Concurso de Tradução
de Obras Literárias da Fundação Luso-Americana
para o Desenvolvimento

FLAD FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO

© 2023, Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
21 726 90 28 | info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Black No More,
Being an account of the strange and wonderful
workings of science in the land of the free,
A.D. 1933-1940*

Publicado originalmente em 1931,
pela Penguin Books, e traduzido a partir
da edição de 2021.

Título: *Negro Nunca Mais,
ou Narrativa das singulares e maravilhosas
descobertas da ciência no país da liberdade,
entre 1933 e 1940 d.C.*
Autor: George S. Schuyler
Prefácio: Mia Couto
Coordenador da colecção: Alberto Manguel
Tradução e notas: Rita Almeida Simões
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Janeiro de 2023

ISBN 978-989-671-730-8
Depósito Legal n.º 509208/22

PREFÁCIO

O FANTASMA QUE RIA DE SI MESMO

Mia Couto

No estúdio de uma rádio de Harlem dois negros americanos posam para a fotografia depois de um longo debate radiofónico. Estamos em Nova Iorque, em 1964. À esquerda está Malcolm X, célebre activista pelos direitos dos negros norte-americanos. À direita está George Schuyler, jornalista, escritor e autor deste livro. Os dois homens sorriem para a imagem. Mas há tensão nesse sorriso. A conversa que mantiveram em estúdio não passou de um desfile de irreconciliáveis divergências sobre os mais variados assuntos.

Divergiam, por exemplo, sobre em quem recaía a responsabilidade da introdução da escravatura em África. Para Malcolm X os responsáveis eram os cristãos europeus. Para Schuyler a culpa era dos muçulmanos. Mas esta era uma discordância menor. A divergência maior centrava-se no romance que o leitor tem agora nas suas mãos. Malcolm X era um declarado seguidor do político e empresário jamaicano chamado Marcus Garvey, defensor do «retorno» dos negros americanos para o continente africano. O jamaicano chegou a intitular-se «Presidente Provisório de Toda a África» e criou uma companhia de navegação transatlântica para reconduzir os descendentes dos escravizados para as suas terras de origem. Para o autor deste livro, Marcus Garvey não era senão um demagogo que nunca tinha posto os pés em África e que usava a raça com o fito de acumular riqueza pessoal. Neste romance,

o escritor converte Marcus Garvey numa personagem que dá pelo nome de Santop Licorice. Eis uma passagem sugestiva da sua cáustica prosa:

«A primeira etapa da viagem era, naturalmente, aderir à sua associação [Associação para o Regresso a África] pagando cinco dólares por ano de inscrição, dez dólares por uma túnica dourada, verde e púrpura e por um elmo prateado que, juntos, custavam dois dólares e meio, contribuir com cinco dólares para o Fundo para a Defesa de Santop Licorice (havia um fundo de defesa permanente porque Licorice estava permanentemente em tribunal, acusado de algum tipo de fraude) [...] [Licorice] continuara a tentar salvar os negros atacando energeticamente todas as outras organizações negras e, ao mesmo tempo, pregando a solidariedade e a colaboração racial no seu semanário [...] cheio de anúncios publicitários a produtos de branqueamento de pele e alisamento de cabelo.»

Contudo, Marcus Garvey não é a principal figura desta obra. A personagem central é o afro-americano Max Disher que, para escapar às amarguras do racismo, decide mudar de raça. Graças a um engenho que elimina a melanina, o cidadão Max Disher converte-se num homem branco. Torna-se assim a primeira pessoa a experimentar a prodigiosa máquina que converte negros em brancos. Max Disher é a primeira criatura transracial em toda a história humana. Nessa nova condição, passa a ter acesso a territórios que antes lhe estavam vedados. Mas a vida não é para um ex-negro nos Estados Unidos. Inesperadas atribulações assombam a vida deste neobranco.

A obra de George Schuyler não foi recebida sem polémica nos Estados Unidos. A sua imaginativa sátira era um ataque feroz aos mitos da supremacia branca. Mas o autor questionava também os

equivocos da pureza racial e das identidades vistas como essenciais biológicas. Mesmo antes da publicação do romance, em 1931, Schuyler criticava a hipocrisia moral e o enriquecimento ilícito de alguns dos dirigentes do movimento conhecido como Harlem Renaissance ou do movimento chamado Nação do Islão defendido por Malcolm X. Schuyler foi acusado de traição à causa dos seus irmãos negros.

—

O livro de George Schuyler levou-me a pensar na própria evolução da literatura africana. Entre os anos 50 e 70 do século passado aconteceram as independências da maior parte das nações africanas. A literatura espelhou esse tempo de afirmação da História e da cultura africanas. Os escritores falavam do seu continente como um lugar de identidade única: África era a grande mãe e os africanos eram os seus filhos. E a Independência era um assunto sagrado, a utopia de todos os recomeços, a viagem que os afro-americanos imaginaram para um território de redenção.

O romance *Le Soleil des Independences* de Ahmadou Kourouma, publicado em 1968, inicia um novo momento: o da crítica aos políticos africanos que passaram a agir como os antigos opressores europeus. Os novos escritores africanos foram atacados como traidores, gente vendida aos interesses dos antigos colonos. Na altura, era uma heresia transformar em sátira esses regimes que a si mesmos se haviam santificado. O segundo romance de George Schuyler, intitulado *Escravos de Hoje: Uma História da Libéria*, reforça essa espécie de profecia: em muitos países africanos, em lugar da prometida libertação nacional, tinha ocorrido apenas uma mudança de turno nos regimes opressores, desta vez com africanos reprimindo africanos.

Nos dias de hoje, os escritores africanos sentem-se livres para tratarem os assuntos que quiserem. Na verdade, eles estão

ocupados naquilo que é a essência de toda a literatura: a busca da subjectividade desfigurada pelo quotidiano, a revelação da história íntima da mais anónima das pessoas. Os escritores africanos são apenas isso mesmo: escritores que não são obrigados a uma temática única ou exclusiva filiação. Os livros emanciparam-se e são apenas isso mesmo: literatura.

Noventa anos depois da sua estreia, *Negro Nunca Mais* mantém uma pungente actualidade. Permanece intacta a relevância e susceptibilidade do preconceito racial como um assunto que não admite nem ambiguidade nem ligeireza. Uma coisa me parece certa: em muitas redes sociais de hoje George Schuyler seria «cancelado» e a obra definitivamente censurada. Noventa anos depois da sua publicação, a questão da raça continua a ser nos Estados Unidos da América (e em todo o mundo) um assunto de mágoas e sangue, uma matéria que não consente isenção. Para além disso, em certos círculos, a raça é pensada assim como é vivida: um destino entre a maldição e benção. Nesse território sacrossanto está interdita a ironia.

Nesse delicado domínio, George Schuyler é um iconoclasta *avant la lettre*: atravessa descalço esse chão sagrado, cortando e cortando-se nas afiadas margens dos preconceitos e estereótipos. O grande propósito do texto (que talvez não coincida com o do autor) não é tanto a raça, mas questionar a busca obsessiva de uma única identidade. Equívoco que o próprio livro alimenta: não é a raça que produz o racismo, mas o racismo que inventa (e confirma todos os dias) a raça. O patético Marcus Garvey propunha a travessia de um oceano para que os negros americanos se encontrassem a si mesmos. Um século depois, falta ainda realizar uma viagem bem mais urgente: vencer a distância que separa identidade racial e identidade nacional.

A falta de coerência pessoal e a obsessão de convocar controvérsias concedeu aos detractores de George Schuyler mil pretextos

para o atacarem. Não foi apenas a obra de Schuyler que foi polémica. Uma espécie de desfasamento esquizofrénico entre autor e pessoa marcou toda a sua vida. Casado com uma mulher branca, ele acabou celebrando na sua única filha aquilo que negava em toda a sua escrita: uma essência racial que não apenas definia identidade como conferia superioridade. A menina chamada Philippa vivia isolada das outras crianças e foi sujeita a uma dieta «cientificamente» concebida para fazer dela uma personagem exemplar e de reconhecido sucesso. Apercebendo-se como objecto de uma experiência científica semelhante à máquina de *Negro Nunca Mais*, a jovem fez o que faria uma personagem do livro do pai: negou a sua própria condição racial, apresentando-se como «branca pura» e mudando o seu nome para Filipa Montera. No final da vida, cansado de polémicas que ele mesmo criava, Schuyler abraçou causas que estavam muito próximas da extrema-direita. Foi uma das raras vozes que se opôs a que Martin Luther King recebesse o prémio Nobel da Paz.

A sua personagem Max Disher também não parece ser conduzida por qualquer desejo de coerência. Durante toda a narrativa, Disher é guiado por circunstâncias que o superam e são essas circunstâncias que interessam ao leitor, porque compõem o retrato de uma nação com tensões e fissuras que nenhuma máquina pode salvar.

Uma coisa é certa: noventa anos depois de ter sido lançado, este é um livro actualíssimo sobre os fantasmas que perseguem uma nação que não foi capaz de resolver o seu próprio passado colonial, racista e escravagista. É esse o grande desafio deste livro: os fantasmas estão autorizados a fazer tudo. Excepto rirem-se de si mesmos.

PREÂMBULO

Este livro é dedicado a todos os caucasianos na grande república capazes de identificar os seus antepassados desde há dez gerações e afirmar, com toda a confiança, que a sua árvore genealógica não tem uma única folha, um único galho, um único graveto ou um único ramo negro.

Há mais de vinte anos, um cavalheiro na cidade de Asbury Park, na Nova Jérсия, começou a fabricar e a publicitar um preparado para alisar, instantaneamente e infalivelmente, os obstinados cabelos dos negros. O preparado chamava-se *Crespo-Nunca-Mais*, nome não inteiramente exacto, já que os utilizadores eram obrigados a renovar o tratamento a cada quinze dias.

Entretanto, numerosos químicos, tanto profissionais como amadores, procuraram o melhor meio de assemelhar o mais possível o oprimido afro-americano ao seu concidadão branco. As preparações de efeitos temporários lançadas no mercado revelaram-se, até agora, extremamente rentáveis para os seus fabricantes, as agências de publicidade, os jornais dos negros e os salões de beleza, já que milhões de utilizadores têm sentido a grande satisfação de poder livrar-se dos cabelos crespos e de aclarar a pele em bastantes tons, mesmo que por pouco tempo. Dada a constante reiteração na América da superioridade de tudo o que é branco, compreende-se facilmente a busca ávida por parte das massas negras de uma qualquer solução que ofereça a perfeição cromática. Ao que parece, a ciência está prestes a satisfazê-las.

Em Outubro de 1929, o doutor Yusaburo Noguchi, director do Hospital Noguchi em Beppu, no Japão, disse a jornalistas norte-americanos ser capaz de, após quinze anos de investigação e experiências meticulosas, transformar um negro num homem

NOTA BIOGRÁFICA

George S. Schuyler (1895-1977) nasceu em Providence, Rhode Island, e, ainda adolescente, alistou-se no exército, onde chegou à patente de primeiro-tenente, antes de desertar devido a uma série de incidentes racistas. Instalou-se em Nova Iorque e trabalhou como jornalista na revista *The Messenger*, pertencente ao grupo socialista «Friends of Negro Freedom» (Amigos da Liberdade Negra). Mais tarde, escreveria para a revista *The Nation* e para os jornais *The Washington Post* e *Pittsburgh Courier*, tornando-se o primeiro jornalista negro de fama nacional nos EUA. Além de *Negro Nunca Mais* (1931), Schuyler escreveu o romance *Slaves Today* («Escravos de Hoje»), assim como várias novelas e uma autobiografia.

NEGRO NUNCA MAIS

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER
TEXT E OLD STANDARD E IMPRESSO
EM PAPEL HOLMEN DE 80G PELA
EIGAL, INDÚSTRIA GRÁFICA,
NO MÊS DE DEZEMBRO
DE 2022.